

Governo contesta dados e nega recessão

Ana Branco

SILVIA FARIA E REGINA ALVAREZ

BRASÍLIA — A economia brasileira está atravessando um período de desaquecimento que não pode ser classificado como uma recessão clássica, por não ter completado dois trimestres consecutivos de queda de atividade e por não ser generalizado. Essa é a conclusão da análise feita pelas autoridades econômicas do Governo, pela Confederação Nacional da Indústria, pela Federação do Comércio de São Paulo e pela secretaria de Fazenda de Minas Gerais.

Independentemente do nome, o fato é que alguns setores, com ênfase para o industrial, estão vivendo um rápido e profundo desaquecimento no terceiro trimestre, que deve ser o pior do ano. O comércio tem mantido o crescimento das vendas, sustentado principalmente pelos supermercados e por eletrodomésticos de menor sofisticação, alimentos, bebidas e fumo.

A consequência do desaquecimento, localizado ou não, é a inquietação política, pelos problemas sociais que provoca. Acirra os partidos de oposição e incomoda a base de apoio no Congresso. O governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo (PSDB), esteve na semana passada com o presidente Fernando Henrique e pediu providências para aliviar o desemprego em seu estado. O ex-presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, encontrou na queda do produto nacional uma bandeira para seu partido bater sistematicamente no Governo.

O porta-voz da Presidência da República, embaixador Sérgio Amaral, contesta dados da Fiesp sobre o crescimento do desemprego, ao reafirmar a preocupação do presidente com os efeitos da desaceleração econômica. Segundo ele, o problema está concentrado em São Paulo.

— Está havendo uma renovação industrial, um processo generalizado de reestruturação industrial por competição. Esse setor está sendo confrontado com o de serviços, que está em expansão e absorvendo mão-de-obra. No cálculo agregado, a indústria automobilística não está perdendo emprego, já que ela não está só em São Paulo — disse Amaral.

Ele recebeu dados do Ministério do Trabalho que mostram um crescimento do nível de emprego de 0,76% no período de julho/94 a junho/95. No comércio, cresceu 2,06%; na indústria de transformação, 1,4%; e em serviços, 0,78%. A indústria extrativa, os serviços industriais de utilidade pública e a construção civil apresentaram queda no nível de emprego, nesse período, segundo dados do ministério.

Os dados da Fiesp mostram outra realidade. Pesquisa referente à terceira semana de agosto revelou uma redução de 2.740 postos de trabalho, desde o Plano Real, na indústria paulista. Sérgio Amaral contesta com outro dado: no setor de autopeças, houve um crescimento de dez mil vagas, em todo o país, desde julho de 1994.

— Não nos interessa a recessão. Vamos adotar, sempre que necessário, medidas pontuais para resolver problemas localizados — disse Mendonça de Barros, lembrando a recente liberação do leasing de automóveis para taxistas, frotistas e locadoras.

O diretor do BC Chico Lopes, por sua vez, diz que as informações ainda não indicam um quadro claro de desaquecimento. Ele e o ministro Pedro Malan, da Fazenda, foram contra a maior flexibilização das medidas de aperto ao crédito.



Loja de departamentos no Rio: vendas do comércio continuam em alta, puxadas por eletrodomésticos menos sofisticados, alimentos, bebidas e fumo